

A morte e o morrer: A percepção dos acadêmicos de enfermagem durante a sua formação



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.007-066>

Djulia Andriele Wachter

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9127-3164>

Elisiane de Oliveira Machado

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9227-1213>

Cíntia Letícia de Negreiros Kerschner

Taquara-RS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7353-4851>

Simone Thais Vizini

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4929-1406>

Juciane Aparecida Furlan Inchauspe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2386-1378>

Fernanda dos Reis

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/000-1593-0508>

Suimara Santos

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8739-4385>

Maicon Daniel Chassot

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7017-6982>

Evelyn Tavares Alves

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0001-3203-5967>

Raquel Adjane Machado

Porto Alegre – RS

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8576-9165>

RESUMO

Das experiências humanas, a morte tem um significado especial, pois frente a ela somos levados a refletir, pois parece que a nossa vida é paralisada

por um instante. É um assunto ainda pouco discutido e muitas vezes ignorado. Trata-se de um momento que engloba angústia, separação e dor, por isso muitos preferem ignorar a realidade e o fato de que este momento um dia irá chegar. Atualmente, a maioria das mortes ocorrem em ambientes hospitalares, realidade esta que destaca a importância do papel da Enfermagem diante da família e do paciente que está prestes a partir. Para que essa assistência e compreensão ocorram de forma segura por parte do profissional de saúde, a preparação deve começar desde o momento da graduação. Deste modo, a pesquisa teve como objetivo conhecer as percepções dos acadêmicos do curso de enfermagem a respeito da morte durante sua formação em uma Instituição de ensino. Trata-se de uma pesquisa de abordagem descritiva de análise qualitativa, na qual estudantes do curso de Enfermagem da Universidade Regional de Blumenau foram entrevistadas com base em uma entrevista semi-estruturada e com gravação das mesmas. A pesquisa foi realizada de agosto a novembro de 2013. Todos os acadêmicos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após ocorreu a aprovação pelo comitê de ética da universidade regional de Blumenau com o parecer número 310.472. Os resultados obtidos com esta pesquisa mostraram que os acadêmicos de Enfermagem entrevistados não estão preparados adequadamente para enfrentar o processo de morte e morrer. Aqueles que se mostram preparados relatam que isso ocorreu devido sua experiência profissional, mas não pelos conhecimentos adquiridos na graduação, os sujeitos da pesquisa recordam de momentos em que o assunto foi abordado, mas de uma maneira muito sucinta e sem uma reflexão mais profunda. O papel da graduação é dar suporte para o aluno saber lidar com a família, propiciando conforto e cuidado para uma morte com respeito e dignidade, mas percebe-se que a graduação não dá conta de preparar o acadêmico por completo.

Keywords: Enfermagem, Morte, Estudantes.



1 INTRODUÇÃO

A morte tem como conceito tradicional o cessamento dos batimentos cardíacos ou morte encefálica, mas não se trata somente de um fator biológico e sim um processo que está inserido no cotidiano do ser humano como destino certo de todos. Esse destino, na maioria das vezes, é pouco discutido, de difícil aceitação e o grande palco desse acontecimento são as instituições de saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

Para o ser humano a morte é algo inaceitável, como se fosse um castigo, sendo preferível ser adiada ao máximo. O tema envolve muitos medos e o maior deles é a dor, porém se ninguém souber enfrentar e debater o assunto esse temor não será minimizado. Ao saber enfrentar o tema ocorre uma facilidade de aceitação e amadurecimento pessoal. A enfermagem tem um papel essencial na aceitação e orientações para os pacientes e familiares a respeito da morte e processo de morrer, mas para isso necessita ter uma maior capacitação e não se sentir impotente diante da situação (MORITZ, 2005).

No exercício da profissão o objetivo do Enfermeiro é salvar vidas e evitar a morte, seguindo normas e condutas da instituição. Se não conseguem realizar seu papel adequadamente se sentem frustrados causando um estresse profundo. O ser Enfermeiro foi educado para cuidar e quando se vê diante de uma situação de morte sente que o seu papel não foi totalmente cumprido. Deste modo, deve-se analisar a formação e preparação deste profissional referente ao processo de morte ao longo da graduação (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Santos (2011), “A morte como passagem, como instante final junto aos seus, mas também como incompreendido período de aprendizado. De que forma aceitar tal momento se os tabus da sociedade vendam os olhos de todos, dos profissionais aos familiares, fazendo dos pacientes sem possibilidades de cura muitas vezes receptores de futilidade e expressões de sofrimento no seu leito de morte?”

Uma pesquisa realizada por Gutierrez e Ciampone (2006) relata que o processo de morrer é gerador de ansiedade, sentimento de culpa e impotência porque o profissional não aceita a morte naturalmente, por isso faz inúmeros procedimentos na tentativa de curar o indivíduo. Diante disso, a atual pesquisa tem como problemática: O acadêmico de Enfermagem, nas últimas fases da graduação, tem a capacidade de compreender a morte e o processo de morrer?

Diante dessa questão, entende-se a importância do tema levantado e a necessidade de respostas para estas perguntas na formação dos Enfermeiros, visando a possibilidade de maiores entendimentos a respeito do processo de morte e morrer para futuros profissionais da área. Já que se trata de um assunto do qual todos fogem e têm medo de enfrentar, faz-se necessário ter uma base mais ampla para saber confortar os familiares e pacientes de forma holística.

Com base nesses conceitos e problemática, a atual pesquisa teve como inspiração as dificuldades e medos vivenciados pelos acadêmicos autores e demais formandos na graduação do curso



de Enfermagem. Com isso, percebe-se que é fundamental o aprofundamento dos conhecimentos da morte e do processo de morrer na vida dos futuros profissionais da área.

2 METODOLOGIA

Nesta pesquisa optou-se por uma abordagem descritiva de análise qualitativa, pois lidam com o aspecto da complexidade humana explorando-a diretamente e enfatizando a compreensão dessa experiência como ela é vivida, coletando e analisando materiais narrativos (POLIT *et al.*, 2004).

Este estudo foi desenvolvido na Universidade na cidade de Blumenau (FURB) - Santa Catarina, após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da mesma Instituição de Ensino. A decisão da escolha do local foi devido a dificuldade encontrada pelos autores a respeito da morte, buscando saber a opinião e compreensão do assunto com os acadêmicos da mesma Universidade. A coleta de dados, análise e conclusão da pesquisa realizou-se no segundo semestre de 2013, no período de agosto a novembro do mesmo ano.

Os sujeitos base da pesquisa tiveram os seguintes critérios de seleção:

- ✓ Inclusão: - acadêmicos da 7^a e 8^a fase do curso de Enfermagem; acadêmicos que vivenciaram a morte durante a graduação; acadêmicos do sexo masculino e feminino; acadêmicos maiores de 18 anos; acadêmicos que cursam Enfermagem da Universidade Regional de Blumenau.
- ✓ Exclusão: - acadêmicos de outros cursos da Universidade; acadêmicos da primeira à sexta fase do curso de Enfermagem; acadêmicos menores de 18 anos; acadêmicos que não vivenciaram morte na graduação.

Foram entrevistados acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Regional de Blumenau, totalizando doze sujeitos. Os entrevistados cursavam a sétima e a oitava fase da graduação. O tema foi esclarecido aos sujeitos e a entrevista só pode ser realizada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Com isso, as entrevistas da turma da oitava fase foram realizadas no período vespertino, no qual os acadêmicos se encontravam em aula, sendo sete entrevistas. Já a turma da sétima fase, como se encontravam na Universidade no período matutino, foi especificado um dia para a realização das entrevistas, totalizando cinco entrevistas individuais e em uma sala reservada para maior privacidade.

Desses sujeitos, 42% tem formação técnica em Enfermagem, os outros 58% não tem formação profissional e 75% de todos os acadêmicos entrevistados já trabalham na área da saúde. Um dos principais critérios para a escolha dos sujeitos foi a vivência em frente à morte ou o processo de morrer, e o mesmo foi criteriosamente respeitado. A maioria dos sujeitos apresentaram certa dificuldade de se expressar frente ao tema, mas contaram suas vivências e foram colaborativos.



A pesquisa foi realizada, com entrevista semi-estruturada, após a aprovação pelo comitê de ética da universidade regional de Blumenau com o parecer número 310.472. Todos os acadêmicos entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e não ocorreu divulgação de nomes foram respeitadas todos os aspectos éticos referentes a pesquisa com seres humanos segundo a resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O objetivo foi conhecer as percepções dos acadêmicos do curso de Enfermagem a respeito da morte durante sua formação em uma instituição de ensino na cidade de Blumenau.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Para dar início a análise de dados da pesquisa foram abordadas as seguintes categorias temáticas: reações e atitudes dos alunos frente a morte; sentimentos e pensamentos do estudante de Enfermagem; preparação dos acadêmicos de Enfermagem em relação a morte e o morrer e compreensão do estudante perante a morte.

3.1 REAÇÕES E ATITUDES DOS ALUNOS FRENTE À MORTE

Nessa categoria será abordada as reações e as atitudes dos acadêmicos, os quais tiveram dificuldade em desempenhar seu papel frente à morte e o processo de morrer. Esta atitude não veio através da falta de preparo diante dos procedimentos de Enfermagem, mas sim frente ao acolhimento da família e a falta de conhecimento científico sobre a temática. O fato de não saber como agir, gera o sentimento de impotência nos acadêmicos, pois não sabem como atuar perante ao acontecimento. *“Não, não consegui fazer nada.” (A4).*

O despreparo individual para lidar com as demandas do doente que esta morrendo e sua família, as poucas discussões sobre a morte e o morrer na graduação e a interação do estudante com a morte no âmbito hospitalar antes de uma afirmativa sobre o tema, estão relacionados a dificuldade de atuar encontrada durante o processo de formação profissional. *“Quando a psicóloga saiu, ela (a esposa) ficou lá sozinha e eu não tinha coragem de ir lá falar com ela e eu deveria ter ido lá, devia ter conversado com a mulher dele e eu não fiz isso.” (A6).* É no estágio que fica claro que a situação da morte e do morrer pode ser experimentada pelo acadêmico como uma possibilidade de não ter realizado intervenções eficazes para salvar a vida dos indivíduos que estão sob seus cuidados, da sua impotência diante do morrer, portanto, de seu fracasso. *“... acho que fiquei muito comovida com a situação(A8).”(LANA; PASSOS, 2008 apud CARVALHO et al, 2006).*

Os acadêmicos se sentem limitados perante a morte e o processo de morrer devido a sua não inserção no cenário de prática, por serem acadêmicos e não graduados, ou até mesmo falta de informação. Os mesmos estão cientes sobre os procedimentos ou técnicas a serem realizadas, mas não conseguem colocar em prática. *“Eu vejo que a equipe de acadêmicos que estava comigo ficou sem*



ação. Ficamos assim por que a gente não sabia se tinha a liberdade perante a situação, de acolher a família. Eu vejo que como acadêmico a gente não fez nada. Só observamos os outros.” (A11). Os poucos que conseguiram efetuar algum tipo de intervenção, se preocuparam somente com o corpo e não com a situação e muito pouco com a família ou com a vivência daquele ser. “Chamei os responsáveis pelo setor, tiramos os equipos, arrumamos, colocamos um lençol e colocamos na maca para levar ao necrotério”. (A9).

O preparo para lidar com a morte não tem o mesmo sentido que o preparo técnico do cuidado em geral, porque é uma forma de cuidado que pode iniciar onde a técnica atinge seus limites, quando só resta acompanhar o paciente até a morte. O estudante não tem acesso a essa forma de saber, não sabe como lidar com o paciente terminal. (COSTELLA, QUINTANA, 2004).

Na graduação de Enfermagem da FURB há alguns acadêmicos que possuem a formação Técnica de Enfermagem, isso faz com que os mesmos vivenciem mais frequentemente a temática. Muitos desses revelam reações perante a situação com uma simples frieza, como se fosse mais um a morrer. Neste contexto, parecem esquecer que cada indivíduo é único e para a família do mesmo, é um momento que revela muitas emoções e sentimentos. “*Eu acredito que sim, por que como eu nunca tive uma perda na família, eu não tenho esse sentimento: “ah!tadinho, morreu!” “ Ai pode ser o fato de eu ser muito fria, mas não é isso... Morreu, morreu. Não tem o que fazer”*”(A9).

Pesquisas sobre a morte e o morrer, revelam que os profissionais da saúde devem realizar o acolhimento, apoiando os familiares que acabaram de perder um ente querido, tendo atitudes simples, como ficar ao lado destes e deixá-los chorar, falar e até gritar, se necessário. “*Então a primeira preocupação foi tirar o familiar dali”* (A1). O importante é o profissional estar ao lado e sempre à disposição das pessoas naquele momento tão difícil. E a graduação de Enfermagem deve subsidiar e dar suporte a esses futuros profissionais, para que eles possam ser capazes de lidar com seus próprios sentimentos e usá-los de modo adequado e de uma forma humana, oferecendo uma assistência de enfermagem qualificada e dando suporte emocional para quem está fragilizado, deixando de lado assuntos alheios. O profissional de saúde necessita ver o paciente como sujeito de sua própria vontade, com direito a uma morte digna. É uma tarefa difícil, fornecer o alívio ao sofrimento ou ajudar uma pessoa a morrer. Não poder curar não significa fracassar, mas sim um reconhecimento dos próprios limites. E perante tudo que foi abordado, um Enfermeiro precisa saber lidar saudavelmente com os inevitáveis problemas que ocorrem na última fase da vida. (LANA; PASSOS, 2008 *apud* BERNIERI; HIDER, 2006; MEDEIROS, 2006; MERCÊS *et al*, 2005).

O fato dos estudantes não terem muita liberdade de atuação nos estágios da graduação e não serem preparados adequadamente acaba influenciando na atuação que terão como profissionais. E quando estiverem sozinhos com os familiares e o corpo do paciente, é provável que se sintam inseguros de como se dirigir aos entes queridos e também ao lidar com pacientes terminais no processo de morrer.



E no fim, os procedimentos são importantes, mas no processo de morte, a prioridade é acolher a família, o indivíduo e dar o suporte necessário nesse momento tão singular. Estar ao lado para ouvir, dar a mão ou até mesmo deixar os familiares sozinhos, dependendo da necessidade dos mesmos, são pequenos gestos que fazem uma grande diferença no momento vivenciado. E para isso, a graduação é um espaço privilegiado de formação que poderia ser mais bem aproveitado para instrumentalizar os acadêmicos, para que os mesmos possam avaliar a situação e saber qual ação a ser tomada.

3.2 SENTIMENTOS E PENSAMENTOS DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

Nessa categoria foram apresentados os sentimentos e pensamentos que os acadêmicos de Enfermagem relataram no decorrer das entrevistas. Ao analisar o momento em que as perguntas foram expostas percebeu-se a grande dificuldade que os mesmos tiveram de se expressar. Demoravam a responder sobre a temática, ou mudavam o foco da questão, e ainda confundiam-se quando eram questionados sobre os pensamentos e respondiam sobre os sentimentos e vice-versa.

Sabe-se que a morte nos proporciona uma reflexão que não se trata apenas uma análise intelectual. É sim de pensar na possibilidade da morte do outro ou ver a morte como um mero objeto de pesquisa. Ela também nos induz a uma experiência mais profunda dos nossos sentimentos e nos arranca o que temos de mais verdadeiro na humanidade: o amor (SANTOS, 2009).

Com isso percebe-se que o sentimento diante da morte é evitado por todos, pois é algo que não é ensinado desde criança. O que é ensinado é o amor e o carinho sendo a perda algo ruim. E para evitar o assunto, fugir é a solução, ou até mesmo se confundir com as respostas, pois as mesmas perguntas nunca foram questionadas.

Evitar/negar a morte é não querer entrar em contato com experiências dolorosas, vivendo assim em um mundo de fantasia, no qual se constrói uma ilusão de imortalidade. O homem deseja se sentir único, devido a isso não permite o esquecimento e imagina que a morte não ocorrerá. Tudo isso se torna uma mentira para camuflar a fragilidade interior, o fim da vida e fragilidade. Deste modo, os sentimentos gerados pela morte de um paciente exigem o desenvolvimento de estratégias para facilitar o enfrentamento da situação (SANTOS, 2009).

3.2.1 Indiferença frente à morte

Nesta subcategoria nota-se que os acadêmicos de Enfermagem que estão iniciando sua carreira profissional não demonstraram tal sentimento, porém os que estão a mais tempo atuando na área da saúde apresentaram uma certa indiferença ao falar sobre morte.

“Pra mim foi indiferente. Por que com vinte anos na minha área, já morreu tanta gente na minha mão que não dá mais aquele choque” (A9)



Segundo Santos (2009), há uma dúvida quanto à integralidade do ser humano, pois esta é negada por nós, profissionais da saúde e assim corremos o risco de atuar mecanicamente, *“Pra mim, foi indiferente. Não que eu seja uma pessoa fria. Eu já estou acostumada a lidar com esse tipo de coisa”*(A11), esquecendo o sentimento de humanidade, aquele que aproxima o profissional do paciente. A diferença entre pessoas que não estão no âmbito hospitalar e os profissionais de saúde é que a morte faz parte do cotidiano, torna-se rotina no trabalho, pois lidam com doenças de prognósticos que podem levar a morte.

Sendo assim, compreende-se que o profissional de saúde acaba agindo com indiferença diante da morte devido a sua rotina e ao fato de viver muitas vezes a mesma situação. Analisa-se que é realmente um assunto negado por todos os seres humanos, mas mesmo que fosse discutido mais na vida acadêmica, a indiferença iria aparecer em algum momento *“Primeiro pensamento? Morreu!”*(A9). Mas cabe ao profissional Enfermeiro achar o equilíbrio para lidar com a situação, não agindo com frieza e tendo a sensibilidade necessária.

3.2.2 Impotência diante do processo de morrer

Durante sua carreira profissional, o Enfermeiro enfrenta diversos sentimentos como: impotência, culpa, tristeza e medo. Estes estão relacionados com o processo de morrer e morte e os profissionais ficam frente a frente com algo não podem dominar. Nesse sentido o cuidado e a assistência aos pacientes pode trazer frustrações referente à perda (LIMA; NIETSCHE; TEIXEIRA, 2012).

No hospital salvar o paciente é ação prioritária. A ocorrência da morte faz com que o trabalho da equipe de saúde seja visto como frustrante, desmotivador e insignificante. O profissional chega ao seu limite quando não consegue evitar, adiar a morte ou não pode aliviar o sofrimento. *“Então na verdade o meu maior sentimento naquele momento foi de certa forma de receio por não ter feito nada por ele naquele momento em que ele estava sofrendo”* (A7). Isso o leva aos seus limites, impotências e finitude, o que se torna muito doloroso (SANTOS, 2009, *apud* KOVÁCS, 2003).

A mente humana tem dificuldade de pensar sobre o inexistente, isso causa um sentimento aterrorizante e de desespero, *“fiquei sem ação, sem poder ajudar”* (A4), que são indícios da impotência relacionados aos mistérios da morte. Devido a isso no momento em que se descobre a finitude, pode-se compreender melhor o fim do outro. Quando isso ocorre a morte passa a ser vista como algo natural e não como um fracasso da profissão (SANTOS, 2009; BERNIERI; HIRDES, 2007).

O fato do acadêmico de Enfermagem não estar preparado para enfrentar a morte, na medida em que se trata de algo incógnito em sua vida, lhe traz o sentimento de impotência diante do sofrimento e do processo de morte. Mesmo vivenciando mais de uma vez ainda não tem total liberdade para agir com segurança nessa situação. *“Na segunda vez eu continuei me sentindo impotente, pois eu ainda*



não posso fazer nada. Só tentei ser mais compreensiva com a situação, tentar lidar com isso, pois eu não vou poder salvar todo mundo. E o que eu puder fazer pra eles se sentirem melhor, eu vou fazer” (A12). Para que isso não ocorra faz-se necessário uma melhor base sobre o assunto, assim os acadêmicos podem refletir e pensar em ações para não se sentirem inúteis, e tornarem-se profissionais mais capazes e eficientes.

Os estudantes no início da graduação relatam o sentimento de tristeza frente a um paciente prestes a morrer. Mas no final do curso profissional, acabavam se sentindo impotentes. Esses mesmos alunos sugeriram que o tema morte é algo que deve ser mais abordado na graduação (MORITZ, 2005).

3.2.3 Sentimento de tristeza diante da morte

No decorrer da vida profissional, os enfermeiros seguem sempre normas e condutas com o intuito de salvar vidas e querem evitar a morte. Esta, quando ocorre, causa um estado de tristeza, perda, frustração e estresse já que ver o corpo sem vida de uma pessoa para o qual se teve dedicação, prestação de cuidados, doação, oferecendo carinho, amor, risos, se trocou palavras e isso causa uma certa estranheza (SANTOS, 2009).

A tristeza dos profissionais e acadêmicos diante do processo de morte é um sentimento natural, pois nos setores em que os pacientes ficam mais tempo internados e passam por todas as fases deste processo, os profissionais criam um vínculo afetivo com a pessoa e sua família tornando a aceitação mais difícil, gerando a tristeza *“Tristeza e desespero. Eu fiquei muito triste, muito angustiada”* (A8).

Com isso, depois de um tempo, os Enfermeiros tentam se afastar e não se apegar tanto à família e a situação, pois não querem se entristecer e, com o passar dos anos, constroem uma barreira que pode levar ao sentimento de indiferença, como já citado anteriormente, e não oferecer o suporte adequado. *“Senti tristeza sim, pela família, a dor e tal. Mas tentar ficar um pouco distante pra eu não me entristecer com aquilo assim, pra eu não ficar abatida, por que se for contar todos os dias, foram seis anos. Foi agora na graduação e se com cada morte a gente ficar, né? daí a gente não vive.”* (A7).

Existem profissionais de saúde, principalmente os Enfermeiros, que afirmam que podem existir pacientes os quais se tem uma relação diferenciada e singular, e ao experienciar seu processo de morte, levam a sentimentos de tristeza e sensação de vazio, pois a preservação e o prolongamento da vida são suas metas e também podem sentir-se incapazes ou frustrados quando não se atinge êxitos em suas tentativas (SOUSA *et al*, 2009).

3.3 PREPARAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM EM RELAÇÃO A MORTE E O MORRER

Na atual categoria se analisou a opinião dos acadêmicos de Enfermagem sobre o conhecimento teórico adquirido ao longo dos quatro anos de graduação e se foi suficiente para a sua atual preparação



para enfrentar a morte e o processo de morrer. Com essa análise pode se perceber se a graduação proporcionou a esses acadêmicos o suporte necessário para lidar com o processo de morte e o morrer.

Os acadêmicos de Enfermagem são preparados na graduação para lidar com a doença, curar os pacientes e promover a saúde. O curso aborda em alguns momentos essa questão, mas de uma forma sucinta, com rodas de conversa e artigos científicos. Mesmo assim, deixa a desejar aos discentes, pois não causa uma reflexão profunda sobre o assunto, não auxilia no preparo para compreensão, ações a serem tomadas, integralidade da assistência e no controle dos sentimentos diante da morte e processo de morrer. Durante a graduação eles recebem conhecimento teórico, artigos, indicação de livros, etc. Entretanto, a teoria não é suficiente. Haveria a necessidade de realização de seminários ao longo do curso ou oficinas extracurriculares com padres, pastores, espíritas, adventistas, entre outros. *“Na graduação é comentado sim sobre a morte, sobre o respeito que se tem que ter pelo corpo, enfim. Mas não é entrado em um assunto mais profundo sobre a morte”* (A3).

Na educação sobre o assunto morrer e a morte se tem um grande desafio no âmbito de ensino e aprendizagem. Considerando-se que, em disciplinas escolares, o maior destaque se dá sobre cálculos, geografia, fatos históricos, biologia, entre outros. Já em graduações da área da saúde é dada ênfase em técnicas, tecnologias e medicamentos fundamentais no cuidado da vida. *“Mas aqui a gente não teve assim uma experiência de alguém chegar: vivemos tal situação ou alguém viveu, então vem, vamos chamar esse aluno e vamos conversar a respeito disso. O que você viu, o que a gente vê com a literatura, fazer esse paralelo. A gente não teve. Só citaram, só comentaram”*(A5). Então, tanto no ambiente escolar quanto no acadêmico o assunto sobre morte é insuficiente, se confrontada com a série de sentimentos que esse evento costuma proporcionar. Assim sendo essa carência pode estar relacionada na apreensão sentida pelos docentes em abordar tal assunto (LIMA, 2013 *apud* MELLO, 2008; COELHO; FALCÃO, 2006).

A graduação prepara os acadêmicos para salvar pessoas doentes, ou seja, focam na técnica em si. Tem conhecimento suficiente para situações de emergência e que envolvem alguma técnica de salvamento, mas quando essas não dão de certo e o paciente vai a óbito já não sabem como agir, pois a instituição não fornece esse suporte. Em estágios no decorrer do curso, os alunos esperam que ocorra alguma situação de morte para poder aplicar as técnicas de ressuscitação *“Na verdade eu queria ter tido uma experiência de ter que socorrer, ter que reanimar alguém, mas eu não tive. Fiquei esperando por isso, até mesmo porque fiz estágio no pronto socorro, e acabava que ou eles morriam de manhã ou antes de dar entrada, a tarde eles nunca morriam”* (A1). Considerando o ensino dos discentes, o fato do assunto não ser discutido nas aulas e não estar na grade curricular, se supõe que esses professores também não tiveram os conhecimentos necessários para tal abordagem.

Os docentes um dia foram discentes e passaram pelas mesmas dificuldades, viveram os tabus de uma sociedade que almeja salvar vidas. Deste modo, seria importante abandonar o modelo



tradicional de ensino que se preocupa somente na cura dos pacientes e esquecem-se da morte (LIMA, 2012; LIMA, 2013 *apud* BRÊTAS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2006). *“Não foi falado especificamente da morte, a gente não está preparado pra lidar com ela e nem pra lidar com as pessoas que estão próximas daquela que foi a óbito. Acho que isso é um ponto bem deficiente em geral na graduação”* (A8).

Os alunos costumam compartilhar sentimentos, reações, ações que o contato da morte lhes proporcionou e isso geralmente acontece nos ambientes escolares, por isso os docentes devem estar preparados, pois precisam saber lidar com essas situações mantendo um diálogo reflexivo e com foco no cuidado humanizado diante da morte. *“... a gente aprendeu sobre as fases da morte e tal, todo mundo disse: “agora você tem que conversar com o familiar”, mas o que eu vou falar? Vou dizer: “que pena”, o que eu vou dizer? De que forma eu vou abordar aquela pessoa? “Boa tarde, tudo bem?” Tipo, não dá pra falar assim entendeu? O que eu vou falar? Isso ninguém ensinou. Disseram que a gente tem que dar apoio emocional pra família, mas o que é o apoio emocional? Ir lá chorar junto? O que eu vou fazer? Eu não sei o que fazer. Na teoria todo mundo sabe, apoio emocional, mas o que é isso?”*(A6). As reflexões a cerca da morte devem ser criadas no ambiente de educação que frequentam. Elas englobam aspectos físicos, psíquicos e sociais o que gera uma humanização frente ao processo de morrer, integralidade da assistência para os pacientes em fases terminais e seus familiares. Todos esses pontos são propostos na Tanatologia e Biotanatologia (LIMA, 2013).

O sentimento que o momento da morte proporciona aos acadêmicos durante a graduação, marca a sua vida acadêmica e, de um modo geral, ele deduz que as próximas vezes serão iguais ou parecidas, que o sentimento será o mesmo ou que sua atuação diante do acontecimento será semelhante. É como se a ideia de fracasso e impotência bloqueasse as suas experiências futuras, e, como a graduação não dá o suporte necessário, eles acabam absorvendo somente as experiências frustrantes que tiveram durante os estágios e aulas práticas. *“Eu tive uma situação de frustração, porque eu não poderia fazer nada por ele. Então na verdade eu me senti frustrada naquele momento. Na situação de ter um sentimento de impotência e eu não gostaria de vivenciar isso novamente”* (A7).

No trabalho é exigido do Enfermeiro o contato direto com o paciente, a doença e com a chance de morte. Uma tarefa complicada é cuidar do paciente, deixa-los confortáveis e sem dor, com a compreensão da necessidade de escuta e intensificação do contato. Além de que, a Enfermagem tem o contato mais próximo com a família, que está exposta a uma situação de ansiedade e desespero frente ao sofrimento e da possibilidade de perda da pessoa querida (LIMA, 2013 *apud* KÓVACS, 2003b). *“Não foi falado especificamente da morte, a gente não está preparado pra lidar com ela e nem pra lidar com as pessoas que estão próximas daquela que foi a óbito. Acho que isso é um ponto bem deficiente em geral na graduação”* (A8).



O processo de morrer e morte exigem muito do profissional de Enfermagem, pois é ele que precisa ficar mais tempo com o paciente, vendo ele todos os dias e exercendo o cuidar. Além disso, deve saber lidar com o sofrimento da família e cuidar dela também. A graduação não expõe ao estudante essa realidade, e, estessaem da graduação, prontos para exercitar as técnicas aprendidas e não a enfrentar os desafios do dia-a-dia diante da morte. *“A faculdade eu acredito que dá 20% do que você precisa lá dentro, mas no dia-a-dia a coisa é totalmente diferente. A enfermagem não é tudo lindo e maravilhoso como marca nos livros. Quando você esta lá dentro você vê que é tudo diferente, e a faculdade acaba mascarando tudo isso. Eu vejo que fica muito a desejar por esse lado, trabalhar o psicológico dos acadêmicos diante da morte”* (A11).

Segundo alguns acadêmicos o assunto é comentado em algum momento da graduação, sem uma reflexão mais profunda. Mas os próprios estudantes não dão importância no momento, pois eles acreditam ser algo distante e que podem aprender mais tarde como lidar com a situação. *“Acho que é porque parece tão distante, a gente não espera que vá acontecer assim tão de repente”*(A7). E pelo fato de alguns docentes também não dominarem o conteúdo, por não terem sido preparados, o assunto cai no esquecimento, é passado por cima e quando citado não é notado, pois é muito breve. *“Talvez por ser um assunto que a gente não dá tanta importância quando era passado, porque foi passado”* (A7).

Devido à forma que o tema em questão vem sendo apresentado, ou seja, com menor ênfase do que os acadêmicos entrevistados esperavam acaba tendo uma repercussão indesejada na prática. *“Vendo como acadêmica não. A gente não é preparado. Eu vejo que não temos muito preparo vindo dos professores. É uma coisa que quase não se toca muito no assunto. É mais a saúde e fica um pouco a desejar”* (A11). Os alunos tem a impressão de um assunto com menor importância que os demais, pois a academia não dá conta de preparar o discente para lidar com a morte, formando profissionais que acreditam que isso não é um dever profissional. Assim, quando são obrigados a enfrentar tal situação, sentem-se mais ameaçados e desestruturados do que se tivessem uma formação mais direcionada para lidar com a questão (GURGEL; MOCHEL; MIRANDA, 2010).

Além das técnicas ensinadas, as escolas de Enfermagem devem ensinar os alunos a lidar com os sentimentos e usá-los de uma maneira humana. Assim, eles poderão dar suporte emocional aos que necessitam e proporcionar a morte digna através de uma profissão que preconiza a assistência humanizada. Pode-se dizer que os estudantes de Enfermagem são capacitados para a parte técnica, mas não para o acompanhamento psicológico, já que o hospital é considerado um local de constante luta entre vida e morte. O profissional sai da instituição, pronto para curar e quando há situação de morte sente-se angustiado (BERNIERI; HIRDES, 2006; MORITZ, 2005).

O processo de educação para a morte se trata de um crescimento pessoal e individual que desenvolve o interior e prepara para a morte. Frequenta-se 20 anos de escola durante a vida o que



prepara o ser humano a conviver com as pessoas e melhora o aspecto social. Segundo Santos (2009), deveria se ter mais 20 anos para a preparação da morte o que envolve as perdas, frustrações, doenças, relacionamentos, acontecimentos inesperados e a aceitação da própria morte.

Isso só nos mostra que o estudo e o conhecimento teórico adquirido sobre a morte é fundamental na formação do profissional Enfermeiro, ele precisa desse suporte ao longo da graduação, precisa saber controlar seus sentimentos, precisa ter segurança ao falar com o familiar, precisar saber dar o suporte necessário a quem precisar e isso tudo deve ser estimulado e abordado na sua formação. Há uma carência enorme de conhecimento a respeito da morte e morrer e se não se pensar nas formações agora, o futuro continuará o mesmo, pois são esses estudantes que irão ensinar os próximos. Já se aprendeu a viver, já se sabe cuidar da vida e prolongá-la ao máximo, agora está na hora de aprender a morrer e a lidar com a morte.

3.4 COMPREENSÃO DO PROCESSO DE MORRER E MORTE

A forma como é compreendida a morte é uma dinâmica do decorrer da vida. Desde pequenos as perdas são constantes, mas é só a partir da adolescência que se entende o real significado da morte. Na vida adulta se expõe tal fato como algo provável de acontecer, mas é na velhice que ocorre a maior aceitação, pois esta etapa da vida é vista como a última pelo desenvolvimento humano. A cultura e as condições de perda que vivenciamos ao longo da vida contribuem para que seja adquirida a visão a respeito da finitude humana (KOVÁCS, 2009).

Segundo o dicionário (SCOTTINI, 1999), compreender significa entender, dominar o conteúdo e adquirir. Nesse contexto analisou-se a compreensão dos acadêmicos de Enfermagem dos dois últimos semestres diante da morte e processo de morrer. Observou-se que a maioria deles consegue sim aceitar a morte, alguns com maior facilidade do que outros. Vários deles aceitam melhor devido suas crenças, entendem que a hora da morte vai chegar, mas em nenhum momento mostraram entender o processo e dominar o conteúdo em questão.

Existem dificuldades para lidar com a finitude humana nas instituições, pois se trata de um conceito dividido entre o corpo físico e o espírito, sendo o corpo físico o único princípio de conhecimento. Não se reconhece a subjetividade do outro como forma de entendimento e compreensão. A morte pode ser vista como uma consagração, terror ou simplesmente como o fim da vida “... Não tem. A gente nasce, cresce, desenvolve e uma hora ou outra, mais cedo ou mais tarde a pessoa tem que morrer...”(A3) (NOGUEIRA; OLIVEIRA; PIMENTEL, 2006; SANTOS, 2009).

Algumas pessoas tentam vencer a morte, mas às vezes, isso não é possível e tentam explicá-la. Nesse seguimento há várias ligações da morte com a vida em relação a religião e a formação dos profissionais de saúde “Eu sou católica e meu pensamento é o seguinte: morreu, é o corpo que vai pra terra, acabou. E a alma eu acredito que vá pro céu. É assim que eu compreendo” (A9). As realidades



culturais possuem um sentido e cada uma tem sua lógica interior, por isso devem-se conhecer suas práticas, concepções e costumes. Deste modo, o estudo cultural proporciona conhecimento e base sólida e facilita o respeito e dignidade nas relações humanas (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006; SANTOS, 2009).

A cultura auxilia na compreensão da morte. Essa cultura se trata da religião ou crenças dos indivíduos e é ensinada desde criança, no caso dos católicos, por exemplo, com o batismo, passando pela adolescência com primeira comunhão e nas chamadas “missas”. Sempre há crenças de que o espírito vai para o céu, ou até mesmo em reencarnação, ressurreição, entre outras. Essas inúmeras crenças facilitam a aceitação e a compreensão perante o fim da vida, é como se fosse um consolo acreditar que há sim a possibilidade de uma vida posterior a tal acontecimento *“O que cabe a mim, vou reforçar isso, é o respeito por aqueles familiares, é o respeito pelo corpo que se encontra ali e que existe, se existe ou não vida após a morte ou alma enfim, não cabe a mim julgar ou pensar só sim agir pro bem dos familiares daquele corpo naquele momento”* (A3).

Para os profissionais de Enfermagem é de suma importância estudar as percepções culturais do processo de saúde-doença-morte nas várias sociedades, isso possibilita o entendimento dos seus valores frente a esse processo, promovendo melhoras nas atitudes e ações do dia-a-dia da vida pessoal e profissional (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006).

Cada pessoa compreende a morte de formas diferentes, alguns pensam que ainda não conseguem compreender, mas no geral todos acreditam em alguma força maior. Cabe aos profissionais de saúde buscar o conhecimento a respeito das crenças existentes para que, quando se depararem com alguma situação, saber como lidar com o indivíduo e sua família no processo de morrer e morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um tema evitado por uma grande parte dos seres humanos, por mais que todos saibam que é algo que vai ocorrer com todas as pessoas e que não há como escapar, muitas vezes é preferível esquivar-se do assunto e esperar a hora chegar sem destinar esforços para discutir ou compreendê-la de modo mais profundo. Os profissionais de Enfermagem necessitam de um suporte referente ao tema, pelas características da profissão, pois são eles que irão permanecer a maior parte do tempo com os pacientes e seus familiares. Com base nesta problemática, a presente pesquisa surgiu com o intuito de conhecer as percepções dos acadêmicos diante do processo de morte e morrer, devido às dificuldades e medos vivenciados pelos acadêmicos autores.

Diante dos objetivos propostos neste estudo, percebeu-se que os acadêmicos de Enfermagem entrevistados nesta pesquisa mostraram-se, em um primeiro momento, surpresos com o tema abordado e se observou dificuldades ao responder o questionário elaborado. Relataram de um modo geral, dificuldades em desempenhar seu papel diante da morte e processo de morrer. Essa dificuldade não



veio através da falta de preparo em frente aos procedimentos de Enfermagem, mas sim frente ao acolhimento da família, falta de conhecimento científico sobre a temática e falta de interesse do acadêmico, não lendo os textos indicados ou faltando em aulas que abordam o assunto.

Os sentimentos mais relevantes percebidos foram de indiferença, impotência e tristeza. Observou-se a indiferença nos acadêmicos que estão a mais tempo atuando na área, ao contrário daqueles que não atuam, como se a vivência deixasse as pessoas menos sensíveis. O fato dos estudantes não saberem como lidar com o sofrimento gera o sentimento de impotência e a tristeza é algo natural, pois os profissionais acabam criando certo vínculo com os pacientes e suas famílias.

Na análise a respeito da preparação dos discentes diante da morte, podemos perceber que o conteúdo é abordado em alguns momentos, mas trata-se apenas de uma ou duas disciplinas e é feito de uma forma sucinta. Isso nos permite dizer que a temática não foi totalmente descartada dos conteúdos, mas que é insuficiente para a formação dos futuros profissionais da saúde. A compreensão da morte se dá quando conseguimos entender o que é a finitude humana e assim estudar as diferentes culturas e crenças para aprimorar a atuação diante da morte.

O ideal para ocorrer à preparação necessária sobre morte e morrer seria a inserção de disciplinas obrigatórias como Cuidados Paliativos e Tanatologia. E também incluir palestras, oficinas e atividades educativas a respeito do tema para facilitar a compreensão e o entendimento do assunto. Percebemos que há uma necessidade muito grande de maiores oportunidades de aprendizagem para os acadêmicos, pois a insegurança dos mesmos é visivelmente notável. Houve decepção por parte de alguns acadêmicos quando questionados se a graduação lhes preparou para enfrentar a morte. Esforçaram-se para lembrar algum momento que tivesse sido passado algum conteúdo que abordasse o tema.

O estudo e o conhecimento teórico adquirido sobre a morte auxiliam na formação do profissional Enfermeiro. O mesmo precisa ter segurança ao falar com o familiar, precisar saber dar o suporte emocional necessário àquele que se encontra em um momento de fragilidade, pois é uma situação única e tem suas particularidades. Há uma carência significativa de conhecimento a respeito sobre morte e de momentos para reflexão sobre o processo de morrer. E se não for pensado nas formações dos profissionais de saúde agora, o futuro continuará o mesmo, pois são esses estudantes que irão um dia se tornar docentes e ensinar os próximos. Já se aprendeu a viver, já se sabe cuidar da vida e prolongá-la ao máximo, agora está na hora de aprender a morrer e a lidar com a morte.



REFERÊNCIAS

- BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. *Texto e contexto Enfermagem*. v.16, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 19 de abril de 2013.
- COSTELLA, S.; QUINTANA, A.M. O estudante do curso de Enfermagem e o paciente terminal: uma relação desafiadora. *Revista do Centro de Educação UFSM*. v.29, n.24, 2004. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3875/2237>>. Acesso em: 05 de outubro de 2013.
- GURGEL, W.B.; MOCHEL, E.G.; MIRANDA, M.C. Educação para a morte: análise da formação tanatológica dos graduandos de enfermagem da UFMA. *Caderno de Pesquisa*. v.14, n.02, 2010.
- KOVÁCS, M.J. Pesquisa com pacientes gravemente enfermos. *Revista Bioética*. v. 17, n.02, 2009. Disponível em: <http://www.revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/169/174>. Acesso em: 08 de outubro de 2013.
- LANA, S.O.; PASSOS, A. B.B. Preparo dos acadêmicos de enfermagem no processo de morte e morrer. *Revista de Enfermagem Integrada*. v.1, n.1, 2008. Disponível em: <http://www.unilesteng.br/enfermagemintegrada/artigo/v1/samantha_lana_e_ana_beatriz_passos.pdf>. Acesso em: 24 out. 2013.
- LIMA, M.G.R.; NIETSCHE, E.A.; TEIXEIRA, J.A. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. *Revista eletrônica de Enfermagem*. v.14, n.1, 2012.
- LIMA, Márcia Gabriela Rodrigues. Representações sociais sobre a morte para docentes enfermeiros e suas influências no ensino. 2013. 104 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.
- MORITZ, Rachel Duarte. Os profissionais de saúde diante da morte e do morrer. *Revista Bioética*. v.13, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/107/112>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- OLIVEIRA, J. R. ; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem USP*. v.41, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/07.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- OLIVEIRA, J. R. ; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Revista da Escola de Enfermagem USP*. v.40, n. 04, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 19 de abril de 2013.
- POLIT, D. F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 487 p.
- SANTOS, F.S. *Cuidados Paliativos: Diretrizes, Humanização e Alívio de Sintomas*. São Paulo: Atheneu, 2011. 688p.
- SANTOS, F.S. *Cuidados Paliativos: Discutindo a Vida, a Morte e o Morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009. 447p.



SCOTTINI, A. Dicionário Escolar de Língua Portuguesa. Blumenau: edições todolivro, 1999. 500p.

SOUSA, D. Met al. A vivência da Enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. Revista texto e contexto em Enfermagem. v. 18, n.1, 2009. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em: 07 de outubro de 2013.

SUSAKI, T. T. ; SILVA, M. J. P. ; POSSARI, J. F. Identificação das fases do processo de morrer pelos profissionais de Enfermagem. Acta Paulista de Enfermagem. v.19, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB. Projeto político pedagógico do curso de Enfermagem. Blumenau, março de 2011.